



# QUADROS DE FORMATURA COMO PORTAL DA MEMÓRIA DO COLÉGIO COMERCIAL DE PICOS-PI (1965-1977)

Luzifrank Júnior de Sousa\*; Jane Bezerra de Sousa\*\*

Este artigo analisa os quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos (1965-1977) que estão sob a guarda do Museu Ozildo Albano, em Picos (PI). São sete quadros no recorte temporal adotado, a partir das datas correspondentes. O objetivo geral foi analisar os quadros de formatura como registro da cultura escolar do Colégio Comercial de Picos. Os objetivos específicos foram: a) investigar os quadros de formatura como fonte para o conhecimento da relação entre a escola e a comunidade externa e b) compreender os aspectos representativos desses quadros para a comunidade escolar. Como pressuposto teórico-metodológico, apontamos a História Cultural (Burke, 1992; Chartier, 1990) e utilizamos, para a análise, os conceitos de documento/monumento e memória de Le Goff (2003). As análises nos conduziram à ideia de que os quadros são objetos-memória, termo utilizado por Benito (2018), e através deles podemos descortinar um tempo, um espaço e um modo de viver na escola, bem como sua relação com a comunidade em que está inserida.

**Palavras-chave:** Quadros de formatura. Memória. Cultura escolar.

## GRADUATION CHARTS AS A PORTAL TO THE MEMORY OF THE “COLÉGIO COMERCIAL DE PICOS-PI” (1965-1977)

### ABSTRACT

This article analyzes the graduation charts from the “Colégio Comercial de Picos” (1965-1977), which are under the care of the Museum Ozildo Albano located in Picos (PI). Seven are the charts in the period overseen from the corresponding dates. The overall goal was to analyze the graduation charts as a register of the school culture of the “Colégio Comercial de Picos”. The specific goals were: a) investigate the graduation charts as a source in order to understand the relation between the school and the external community and b) understand the representation aspects of these charts for the school community. It was pointed, as theoretical-methodological presupposition, Cultural History (Burke, 1992; Chartier, 1990) and it was used, for the analysis, the ideas of document/monument and memory of Le Goff (2003). The analysis lead us to the notion of the charts being memory-objects, a term employed by Benito (2018), and through those we were able to unveil a time, a place and life-style in the school as well as to how it relates to the community within which it is included in.

**Keywords:** Graduation charts. Memory. School culture.



## **MARCOS DE GRADUAÇÃO COMO PORTAL DE LA MEMORIA DEL COLEGIO COMERCIAL DE PICOS-PI (1965-1977)**

### **RESUMEN**

Este artículo analiza los marcos de graduación del Colégio Comercial de Picos (1965-1977) que se encuentran bajo la custodia del Museo Ozildo Albano, en Picos (PI). Hay siete marcos en el marco de tiempo adoptado, a partir de las fechas correspondientes. El objetivo general fue analizar los marcos de graduación como registro de la cultura escolar del Colégio Comercial de Picos. Los objetivos específicos fueron: a) investigar los marcos de graduación como fuente para el conocimiento de la relación entre la escuela y la comunidad externa y b) comprender los aspectos representativos de estas imágenes para la comunidad escolar. Como presupuesto teórico-metodológico, señalamos la Historia Cultural (Burke, 1992; Chartier, 1990) y utilizamos, para el análisis, los conceptos de documento/monumento y memoria de Le Goff (2003). Los análisis nos llevaron a la idea de que las pinturas son objetos de memoria, término utilizado por Benito (2018), y a través de ellos podemos descubrir un tiempo, un espacio y una forma de vivir la escuela, así como su relación con la comunidad en la que se desenvuelve.

**Palabras clave:** Marcos de graduación. Memoria. Cultura escolar.

### **INTRODUÇÃO**

O interesse por quadros de formatura surgiu a partir da pesquisa de mestrado: Formando profissionais para o município modelo: cultura escolar do Colégio Comercial de Picos- PI (1957-1980). Na busca de fontes, deparamo-nos com sete registros de formatura do Colégio Comercial de Picos conservados no Museu Ozildo Albano, localizado na cidade de Picos, Piauí. A partir dali, percebemos que era possível contar a história não só do objeto-memória, conceito utilizado por Benito (2018), mas dos sujeitos envolvidos, dos espaços, da sociedade, de um tempo e das representações produzidas sobre esse tempo. Percebemos que os objetos nos conduziam a uma viagem pelas recordações, sendo esse o porquê de utilizarmos, no título deste artigo, a palavra “portal” como uma entrada. Assim sentimos e consideramos, pois, através dos quadros, transportamo-nos ao tempo vivido e marcante da história de uma instituição escolar.<sup>1</sup>

Recorremos às leituras para entender, cientificamente, as marcas contidas nos objetos e as suas representações, ancorando-nos, inicialmente, nos estudos da cultura material escolar. O recorte temporal corresponde ao período de 1965 a 1977 e tem como fundamento o primeiro e

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



o último ano dos quadros analisados, considerando os objetos que estão no Museu Ozildo Albano. O objetivo geral do estudo foi analisar os quadros de formatura como registro da cultura material escolar do Colégio Comercial de Picos. A partir da vigência da Lei n. 4.024/61, que instituiu a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), a Escola Técnica de Comércio de Picos passou a ser denominada Colégio Comercial de Picos. Optamos por utilizar a segunda denominação por ser a mais utilizada nos documentos por nós consultados. Os objetivos específicos foram: a) investigar os quadros de formatura como fonte para o conhecimento da relação entre a escola e a comunidade externa e b) compreender os aspectos representativos desses quadros para a comunidade escolar. O pressuposto teórico-metodológico de análise é a História Cultural de Chartier (1990); os conceitos de objeto-memória, de Benito (2018), e de texto documento/monumento, de Le Goff (2003), assim como a definição de memória deste; e a pesquisa de Sousa (2019), para fundamentar a implantação do Colégio Comercial em Picos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

É importante ressaltarmos e compreendermos que este estudo só foi possível a partir de uma análise fundamentada na História Cultural ou Nova História. “A Nova História é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional” (Burke, 1992, p. 10). Para muitos estudiosos, a partir da década de 1970, os estudos relacionados a essa corrente historiográfica trouxeram novas reflexões sobre objetos e fontes na historiografia, propondo um alargamento dos objetos, uma vez que, pelo paradigma tradicional, o documento escrito era privilegiado e acabava por deixar à margem das páginas aspectos considerados como parte da experiência da atividade humana; “[...] por outro lado a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana [...]” (Burke, 1992, p. 11). Uma dessas atividades é objeto da História da Cultura Material e faz parte deste estudo: “[...] os historiadores preocupados com o que tem sido chamado de vida social dos objetos — ou mais exatamente, com a vida social dos grupos, revelada por seu uso dos objetos [...]” (Burke, 1992, p. 29).

Entendemos que os objetos nos trazem também a vida social de um grupo e é nossa



intenção revelá-los dentro do seu contexto, através da análise dos quadros relacionados à escola e à comunidade. “Os historiadores do material se movem entre esses condicionamentos. Tratamos de buscar a relação dos objetos com seus contextos de criação e uso, tentando construir uma espécie de arqueologia das coisas ajustada à sua genealogia [...]” (Benito, 2018, p. 109), fazendo-nos pensar, aqui, nos modos de criação, no porquê da escolha dos símbolos, do tipo de papel ou outro material, das molduras, dos homenageados, paraninfos, patronos e padroeiros. Muitos questionamentos surgiram, considerando esse pensamento, e um deles é: Por que deixar essas marcas e imprimir esses rastros do tempo?

Tais questionamentos nos conduzem a Chartier (1990, p. 16-17): “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Dessa maneira, intuímos e questionamos como realizar a leitura dessa realidade social posta em uma instituição escolar, em um determinado momento, como ela foi constituída e de que forma os quadros nos remetem a esse lugar e momento.

Essa nova historiografia promoveu a valorização da cultura material presente na escola e, nessa materialidade, podemos realizar uma análise da cultura empírica, bem como da profissão docente na escola, como corroboram as palavras de Benito (2018, p. 105, grifo do autor):

A cultura material é valorizada, pois, pela nova historiografia educativa como uma fonte essencial para o conhecimento do passado da escola em suas dimensões práticas e discursivas, toda vez que esse legado material confere identidade a uma cultura inventada (em parte também reinventada a partir da tradição) pelos atores que deram vida e forma a novos espaços e modos de sociabilidade da infância que as revoluções liberais começaram a implantar no século XIX. Nessas materialidades estão impressas as práticas da cultura empírica e o *habitus* da profissão docente.

Concebemos os sete quadros de formatura, aqui analisados, como objetos da memória, como um portal que dá acesso às recordações não somente da escola como também da sua comunidade escolar. Através delas, somos conduzidos a múltiplas leituras e interpretações, quando, por exemplo, fazemos perguntas a essa fonte, através dos símbolos, homenagens e

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



rituais nela presentes, desvelando o tempo da memória.

Os objetos-memória possuem, além dessas marcas ou sinais, um poder narrativo ao servirem de materiais em que se apoia a construção de relatos e, justamente por isso, se transformam, diferenciada ou conjuntamente, em textos que, como escrituras criadas ou dispostas para o exame, podem ser lidos e interpretados em sua forma e nos conteúdos a que se associam (Benito, 2018, p. 107).

Consideramos os quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos como patrimônio escolar, que, de acordo com Benito (2018, p. 115), “[...] é um bem para ser exposto publicamente e para ser visto por todos”. Ainda segundo esse autor, “[...] construir e comunicar os valores da memória é certamente uma responsabilidade pública, mas também constitui neste momento uma tarefa na qual os acadêmicos devem desempenhar uma importante função” (p. 115-116). Eis porque é importante a comunicação do estudo que ora apresentamos para a valorização da memória escolar.

Recorremos, portanto, às reflexões sobre a memória e nos deparamos com a ideia de que a sua valorização esteve presente através também de monumentos. Por isso, entendemos que os quadros de formatura têm a função de deixar marcas de um tempo considerado importante das trajetórias daqueles que estão na escola em busca da construção do saber e da sua formação, na busca de um espaço profissional. Le Goff (2003, p. 433, grifo do autor) assim se refere à memória:

Os gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, *Mnemosine*. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro.

Os quadros de formatura podem ser considerados como um testemunho de um tempo, de um passado, lembrando à sociedade a recordação de um momento, assim como a deusa Mnemosine “[...] é um antídoto do esquecimento” (Le Goff, 2003, p. 434). E, assim, apontamos “[...] a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



para a libertação e não para servidão dos homens” (Le Goff, 2003, p. 471). Os quadros de formatura trazem uma memória coletiva, pois ali estão as marcas de um grupo, de alunos, professores, homenageados, paraninfos, patronos e patronesses.

Não podemos deixar de considerar os quadros a partir do conceito de monumento como “[...] tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação [...]” (Le Goff, 2003, p. 526), uma vez que, ao contemplá-los, acionamos mecanismos da memória que nos transportam àquele tempo. “O monumento tem como característica o ligar-se ao poder da perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)” (Le Goff, 2003, p. 526). Os quadros trazem a memória coletiva das pessoas que passaram por aquela instituição escolar e fazem parte da vida dela, por isso são monumentos a serem admirados. Por esse motivo, concordamos com Werle (2005, p. 2, grifo da autora), quando esta afirma: “Os quadros de formatura e álbuns de fotografias serão discutidos como representações de momentos da história institucional e como *monumentos* que atestam seu projeto formativo”. A conclusão de um curso que colocava, naquele momento, profissionais que teriam espaço no tecido social da cidade e contribuiriam para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A partir da ideia de monumento de Le Goff (2003, p. 538) é que trataremos nossas fontes, considerando que “[...] é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”. De que forma foram produzidas, pensadas e em quais condições? Vamos fazer perguntas às fontes e problematizá-las para produção do conhecimento histórico.

A produção sobre análise dos quadros de formatura ainda é incipiente. Seleccionamos três textos que embasaram nossas análises: *Ancorando quadros de formatura na história institucional*, de Flávia Orbino Corrêa Werle (2005), que subsidiou a nossa análise no sentido da compreensão da conclusão do curso como solenidade; *O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura*, de Nelson Maurílio Coelho Júnior (2015), que trouxe reflexões sobre a fotografia como elemento central dos quadros e também a presença de autoridades políticas como uma rede de sociabilidade; e *Molduras para fragmentos da história do século XX: quadros de formaturas e memórias escolares de colégios católicos brasileiros no século XX*, de Samara Mendes Araújo Silva (2021), que nos conduziu no pensamento da formatura como

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



prática social.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Conforme histórico disponível no Museu Ozildo Albano, foi através da fundação da Sociedade Educadora Picoense, organizada por Dr. José Carlos Filho, Dr. Severo Eulálio e o Senhor João de Deus Neto, que se concretizou a autorização do Ministério da Educação e Cultura para o funcionamento da Escola Técnica de Comércio de Picos, pela Portaria n.º 451, de 2 de julho de 1956. Essa Escola funcionou, provisoriamente, em 1957, no prédio do Ginásio Estadual Picoense, sendo seu primeiro diretor Dr. José Carlos Filho. De acordo com Sousa (2019, p. 91), em

[...] 1957 o município de Picos ganhou sua segunda instituição pós-primária, de ensino comercial, uma vez que foi criada a Escola Técnica de Comércio de Picos, que ofertava aos picoenses o curso básico de comércio e o técnico. Até então, não se tinha cursos pós-primários de segundo ciclo e, a partir da criação dessa escola, muitos que já haviam terminado o curso ginásial no Ginásio Picoense acabaram por fazer o técnico em contabilidade na escola de comércio.

Conforme Sousa (2019), essa instituição de ensino funcionou até 1960, no prédio do Ginásio Picoense, que, por sua vez, estava instalado em um conjunto de casas alugadas na rua Monsenhor Hipólito. Os alunos do Curso Básico não pagavam mensalidades, pois eram custeados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), até 1959. Em 1964, assumiu a direção da escola a professora Maria das Dores Xavier de Oliveira, conhecida por Dorinha Xavier, que ficou à frente do Colégio Comercial até a aposentadoria. O arquivo escolar da instituição foi cedido à Secretaria Estadual de Educação, podendo ser consultado na Unidade Escolar Marcos Parente.

Para Sousa (2019, p. 39), no início dos anos de 1960, ocorreu um aumento da população urbana em Picos, fato esse que justifica a importância e a demanda em relação ao Colégio Comercial de Picos para formar profissionais dispostos a atuar no serviço público e no comércio:

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



Até a década de 1940, Picos estava bem longe de ser o que se tornou no alvorecer da década de 1970. Foi nesse contexto que o município, gradativamente, passou a despontar como um dos mais desenvolvidos do estado, devido à alta produtividade agrícola, comércio pujante e um dinâmico setor de serviços.

Dentro do espaço social picoense, a partir de 1957, com a criação da Escola Técnica de Comércio, a formatura na escola era um momento de grande importância para a comunidade escolar, ensejando festas com bailes, convites e os quadros de formatura para selar esse momento histórico. Os quadros mostram o quanto o Colégio Comercial de Picos era valorizado socialmente na cidade. Para Werle (2005, p. 3), “[...] a formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar institucionalizada. Como símbolos rituais os quadros de formatura situam-se numa abordagem de história da cultura de instituições escolares”.

Através das análises dos quadros, é possível, portanto, perceber esse ritual, bem como a história da instituição educativa, demonstrando a finalização de um curso, o que merece a confecção do monumento; assim como em Werle (2005, p. 2), “[...] monumentos que atestam seu projeto formativo: a conclusão do curso em sua solenidade de formatura”. Alguns desses objetos conseguiram cumprir seu papel de registrar e deixar para a posteridade os atores daquele momento especial, tanto que chegaram até nós. Encontramos, no museu Ozildo Albano, sete desses artefatos. No Quadro 1, destacamos apenas seis, pois não foi possível localizar o nome da turma, patrono e paraninfo no sétimo registro de formatura, pois, além de ser uma escultura, a ação do tempo não permitiu a localização dos dados.

**QUADRO 1** – Quadros de formatura: nome, patrono e paraninfo das turmas (1965-1977)

Ano	Nome da turma	Patrono	Paraninfo
1965	Austeclino Duarte Fonsêca	Florêncio Bento Bezerra	Luiz Pereira de Sousa
1966	Helvídio Nunes	Dr. Helvídio Nunes	Florêncio Bento Bezerra
1967	Maria das Dores Xavier de Oliveira	Arildo Sales Dória	Manoel dos Martírios de Moura Fé
1968	Des. Vidal de Freitas	Dr. Manoel Paulo Nunes	Dr. Oscar Neiva Eulálio
1971	Dom Joaquim Rufino Rêgo	Dr. Antônio de Barros Araújo	Dr. Oscar Neiva Eulálio
1977	Celecina Xavier Rêgo	Dom Augusto Alves da Rocha	Sen. Helvídio Nunes

**Fonte:** Os autores

**Dados:** Quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos. Acervo Museu Ozildo Albano.

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



Destacamos que os homenageados pelos formandos (nome da turma, patrono e paraninfo) eram incentivadores do funcionamento e desenvolvimento da escola. O quadro de formatura de 1965 tem como homenageado Austeclino Duarte Fonsêca, funcionário do Banco do Brasil, professor do Colégio Comercial e ministrava aulas em cursinhos preparatórios para concursos na cidade. O quadro apresenta um fundo na cor marrom e um pássaro no centro. O material é papelão, fotografias e moldura de madeira. Nas asas da ave, estão dispostos os formandos: de um lado, os contabilistas do Curso Técnico; do outro, os ginásianos do Curso Básico. No corpo do pássaro, aparecem elementos do símbolo do Colégio Comercial de Picos, duas serpentes e uma tocha. A fotografia da professora Maria das Dores Xavier figura no centro do quadro, pois era a diretora da escola. Na parte superior, encontram-se imagens do homenageado principal, do patrono Florêncio Bento Bezerra e do paraninfo (Luís Pereira de Sousa); embaixo, outros homenageados. Esse quadro é de autoria de Cícera Viana, do Juazeiro do Norte (Ceará). Em três dos quadros de formatura localizados, é possível identificar a assinatura da artista plástica nos quadros de 1965, 1966 e 1971, o que demonstra também a relação da confecção com o trabalho artesanal.

O que chama a atenção é o uso das fotografias. E, dessa maneira, a criação de um testemunho, como aduz Kossoy (2012, p. 52): “[...] toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”. Esse quadro nos traz o uso do papel e da madeira como moldura, assim como a fotografia que, para Le Goff (2003, p. 460) “[...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

Ainda sobre fotografias, realizamos uma comparação com o estudo de Coelho Júnior (2015, p. 130), o qual afirma que “[...] as fotografias, elementos centrais nos quadros de formatura, podem ser interpretadas na perspectiva indiciária do processo de inclusão da cidade na era dos estúdios fotográficos”. Na cidade de Picos (PI), no recorte de tempo analisado, havia estúdios fotográficos, entre eles, o Foto Varão, de propriedade do fotógrafo Cristino Varão.



Há, ainda, a presença marcante de importantes comerciantes da época, como Florêncio Bento Bezerra, proprietário da Distribuidora Brasília na cidade de Picos (PI), atestando, assim, a articulação que a escola possuía com o comércio local, em franca expansão naquele momento. As fotografias individuais dos alunos e alunas formam um grupo de concludentes da referida escola:

Os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas são fotografias de um grupo de alunas(os), concluintes de um curso, identificados individualmente, compostas artisticamente em fundos e molduras decoradas, organizados numa totalidade — o quadro — referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola (Werle, 2005, p. 5).

O quadro da turma de 1966, que recebeu o nome Helvídio Nunes, possui o mapa do Piauí ao centro, a moldura em madeira e várias fotografias dispostas, sendo que o detalhe está nas imagens dos concludentes por todo o mapa, valorizando o estado do Piauí. De um lado, encontra-se o símbolo do Colégio Comercial de Picos e imagens do patrono (Helvídio Nunes), do paraninfo (Florêncio Bento Bezerra) e de outros homenageados; do outro, há uma imagem do padroeiro (São José) e de outros destaques, em sua maioria, professores.

A turma homenageava Helvídio Nunes de Barros, que foi prefeito de Picos (1955-1959), Governador do Estado do Piauí (1966-1970) e Senador (1971-1978 e 1979-1987). Apontamos a relação da escola com o poder representado, conferindo importância e valorização social, notado em outras análises de quadros de formatura, como também constatou Coelho Júnior (2015, p. 146) em seu estudo: “Assim como nos demais quadros construídos em outras instituições, a presença de autoridades políticas sinaliza para existência de uma rede de sociabilidade entre o Colégio Sagrado Coração de Jesus e o poder representado em diversas esferas”.

O quadro da turma de 1968 homenageia Des. Vidal de Freitas. Juiz de Direito, professor e um dos fundadores do Ginásio Estadual Picoense, era bastante atuante na sociedade picoense, nas áreas jurídica, educacional e cultural. De acordo com Sousa (2019, p. 105), “[...] professor



Vidal de Freitas ficou nas memórias dos alunos como incentivador, tratável, fino e não amedrontador, pois educava através de fábulas e conversava. A imagem característica dele era de orientador”. Albano (1987) também afirma a importância do Prof. Vidal para o Ginásio de Picos: “O nosso ginásio foi criado, graças aos esforços dos deputados Antenor Neiva e Hélio Leitão. Sua instalação deve-se à vontade férrea do prefeito Celso Eulálio. Mas, o seu funcionamento é mérito do professor Vidal”.

Ocupando a maior parte da placa, há um grande livro aberto. Dentro dele, de um lado, estão os concludentes; do outro, os homenageados. Na parte inferior do quadro, encontram-se imagens do principal homenageado, do patrono e do paraninfo. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 2003, p. 469, grifo do autor). O quadro mostra essa identidade coletiva, valorizando a cultura do comércio pujante na cidade de Picos; o livro representa a valorização da educação, o que podemos atribuir também ao livro contábil.

A escultura de 1967 é uma reprodução do Congresso Nacional em madeira e uma homenagem às empresas (Figura 1). Aqui, mais uma vez, somos conduzidos à análise do quanto a escola estava ligada ao comércio local, em virtude do campo de trabalho dos egressos do Colégio Comercial de Picos. Esse campo era composto pelas seguintes empresas: Banco do Estado do Piauí S/A, Banco do Brasil S/A, Inda, Ancar, Sudene, Sinol, Sibal, Cimal, Incal, Cisal, Companhia Algodoeira de Picos, Fábrica de Mosaico Santa Rita e R. de Souza Lima e Cia. É possível perceber, assim como em Silva (2021, p. 1443), “[...] a configuração do contexto sócio-cultural, político e econômico no qual as escolas estavam imersas [...]”, expondo o projeto educacional da escola, formar quadros profissionais para o comércio, empresas e indústrias locais.

**Figura 1** – Escultura de Formatura de 1967



**Fonte:** Acervo do Museu Ozildo Albano

Um desenho chama a atenção na placa da turma de 1971. Pelo que conseguimos entender, trata-se de um chapéu com cordões que descem dele e fazem voltas, desdobrando-se nas extremidades. Acreditamos ser um galero, chapéu utilizado pelos cardeais da Igreja Católica. “O vermelho é exclusivo dos cardeais; os demais clérigos usam o preto. A partir de 1965, o galero cardinalício foi substituído pelo barrete. Por isso, quase não vemos mais esse chapéu” (A Catequista, 2015, p. 1). O homenageado dessa placa era membro da Igreja Católica. No centro do galero, está a imagem do homenageado que dá o nome à turma, Dom Joaquim Rufino do Rêgo,

[...] que nasceu em Picos, em 14 de janeiro de 1926. Ordenado sacerdote no dia 5 de outubro de 1952, em Roma, Dom Joaquim trabalhou em Oeiras e foi pároco nas cidades de Simplício Mendes, Paulistana e Picos, sendo nomeado primeiro bispo diocesano da recém-criada Diocese de Quixadá (Ceará) em 1971 (Falece..., 2013).

No centro do quadro, encontra-se uma gravura semelhante a um estandarte. É dentro dela que estão as imagens dos concludentes. Na parte inferior, estão o símbolo do Colégio



Comercial de Picos e a imagem do Menino Jesus. No centro, uma fotografia referente a uma homenagem póstuma à Maria Auzenir Rego Azevedo. A autora do quadro foi Cícera Viana. Esse quadro nos chama a atenção para a presença religiosa, tanto pela homenagem ao bispo Dom Joaquim Rufino do Rêgo, como também a presença do Menino Jesus no centro.

Outro quadro encontrado foi o da 19ª turma, de 1977, que recebeu o nome Celecina Xavier Rêgo, mãe da diretora da escola. Na parte superior, encontra-se a imagem da homenageada ladeada pelas imagens do patrono (Dom Augusto Alves da Rocha) e do paraninfo (Senador Helvídio Nunes de Barros). Observamos, ainda, o santo padroeiro São José e o símbolo do Colégio Comercial de Picos. Na parte inferior do quadro, centralizada, está uma só fotografia com os concludentes daquele ano, todos uniformizados.

Bem diferente dos quadros aqui analisados, há a escultura de uma pomposa águia feita de madeira, picando uma serpente que está envolta em seu pescoço (Figura 2). Espalhadas pelas costas da águia e pelas asas estão as imagens dos concludentes e dos homenageados. Infelizmente, não conseguimos identificar a qual turma e a qual ano pertence a escultura. Dos artefatos localizados, certamente esse é o que mais chama a atenção, devido à sua forma única. Podemos supor que seja dos anos de 1970, a partir da afirmação de Silva (2021, p. 1442):

A formatura é uma prática social marcada por rituais que se apoiam em uma miríade de símbolos, dentre os quais atualmente figuram com destaque as placas de formatura, herdeiras dos antigos quadros de formatura, talhados até a década de 1970, quando foram substituídos pelas placas.

**Figura 2** – Escultura de formatura em formato de águia





**Fonte:** Acervo do Museu Ozildo Albano

Maria das Dores Xavier de Oliveira, diretora do Colégio Comercial de Picos, foi proprietária do Instituto Rui Barbosa. Rui Barbosa era conhecido como o “Águia de Haia”, o que nos leva a supor que a escultura tenha sido uma referência ao, considerado por muitos estudiosos, polímata brasileiro.

Por coincidência, na casa que Rui Barbosa adquiriu em 1893, havia uma escultura (?) bem em frente da fachada, representando uma águia dominando uma serpente. Quando o povo o aclamou com o epíteto de Águia de Haia, Rui Barbosa pensou em suprimir tal ornamento, que poderia parecer propositado e prova de falta de modéstia. Felizmente não realizou o intento. A peça até hoje figura no parque da Casa de Rui Barbosa como uma curiosa profecia (Casa de Rui Barbosa, 2021, p. 1).

Considerando os materiais e as formas utilizadas, apresentamos as características dos quadros de formatura no Quadro 2.

**QUADRO 2** – Quadros de Formatura: características (1965-1977)

ANO	MATERIAIS	DIMENSÕES	SÍMBOLOS
1965	Madeira / vidro / papel madeira / fotografias	92 x 127 cm	Ave / Contabilidade – CCP
1966	Madeira / vidro / carpete / isopor / fotografias	84 x 67 cm	Piauí / Contabilidade – CCP
1967	Madeira / fotografias / plástico	49 x 50 x 10 cm	Congresso Nacional / Contabilidade – CCP
1968	Madeira / vidro / carpete / isopor / fotografias	66 x 73 cm	Livro / flor / Contabilidade – CCP
1971	Madeira / vidro / papel madeira / papel camurça / fotografias	96 x 79 cm	Galero/ Contabilidade – CCP
1977	Madeira / fotografia	70 x 50 cm	Fotografia da turma de Contabilidade – CCP
s/d	Madeira / fotografias	83 x 48 x 58 cm	Águia

**Fonte:** Os autores

**Dados:** Quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos. Acervo Museu Ozildo Albano.

Analisando a materialidade dos quadros, observamos a presença da madeira e de fotografias em todos os quadros. Os símbolos bem representativos, como a Ave, o mapa do Piauí, o Congresso Nacional, o livro, o galero, a fotografia da turma e a águia trazem uma

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



representação de voos a serem alçados; valorização do Estado do Piauí e do Congresso Nacional; busca do conhecimento através do livro contábil, bem como a importância da escola através da conclusão dos estudos, representados numa foto coletiva de todos os alunos e sua diretora; e, por fim, a águia que atribuímos tanto à coragem como a uma possível homenagem a Rui Barbosa, conhecido como Águia de Haia. Esse levantamento é importante para ressaltar os símbolos e a relação destes com a escola.

Pela análise, percebemos o quanto a escola era envolvida socialmente, a partir dos seus homenageados, paraninfos e patronos. Neles, estão professores, políticos, religiosos e funcionários de empresas, que constituíam uma rede de sociabilidades entre a comunidade e a escola. Vale ressaltar que, entre os paraninfos, estão dois professores, Manoel dos Martírios Moura Fé e Luís Pereira de Sousa. São as marcas de um tempo das pessoas que colaboraram para a fundação e para a permanência do Colégio Comercial, colégio que tanto contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Picos, formando quadros profissionais necessários para a expansão econômica da cidade. Assim, concordamos com Burke (1992), quando este afirma que os objetos trazem a vida social de um grupo.

Conhecer a história desse momento é compreender a cultura, o cotidiano escolar e contribuir para o conhecimento histórico da cidadania. Dessa forma, concordamos com Benito (2018, p. 116), quando ele afirma: “Só assim a cultura escolar, e dentro dela a material, que é a que está dotada de um nível mais amplo de visibilidade, pode responder a estratégias verdadeiramente públicas, promover uma hermenêutica pluralista e contribuir para educação histórica da cidadania”.

## CONCLUSÃO

Entendemos que são necessários mais estudos sobre a cultura material escolar e os objetos da memória, especialmente os quadros de formatura, tema que abordamos neste artigo. Através deles, podemos conhecer a cultura escolar, a relação da comunidade com a escola e os rituais, bem como a história de sujeitos que participaram naquele contexto como homenageados, professores, alunos, diretores, patronos e paraninfos.



A partir das análises, elencamos, por exemplo, o uso das fotografias nos quadros, a partir de 1965, primeiro quadro analisado no museu Ozildo Albano, o que demonstra que, na cidade, havia estúdios fotográficos e a importância do uso da imagem marcando a conclusão do curso para os alunos.

Outro elemento é a relação que a escola mantinha com os políticos locais, ao homenagear o governador Helvídio Nunes de Barros, que era filho da terra, além da presença marcante de comerciantes, como Florêncio Bento Bezerra, que foi vice-prefeito da cidade e dono da Distribuidora Brasília e incentivador do comércio local naquele período, corroborando o quanto a escola estava articulada com o comércio, uma vez que os egressos da escola eram absorvidos pelo serviço público ou pelo comércio local.

Observamos a presença religiosa na escola através da imagem do padroeiro São José e do Menino Jesus, além das homenagens ao bispo Dom Joaquim Rufino do Rêgo, bem como a Dom Augusto Alves da Rocha. Acreditamos que a presença de elementos religiosos na maioria dos quadros encontrados no Museu Ozildo Albano está relacionada à formação católica da proprietária do Colégio Comercial de Picos, Maria das Dores Xavier de Oliveira (Dorinha Xavier).

Os materiais utilizados nos quadros foram, inicialmente, papel, fotografia e molduras em madeira, como também a grande águia esculpida e suas asas com homenageados, patronos, paraninfo e alunos. Outra escultura em madeira com o símbolo do Congresso Nacional, em 1967, homenageando as empresas e indústrias, instituições financeiras locais. Todos os quadros possuem um símbolo central, como livro, galero, Congresso Nacional, pássaro, águia, mapa do Piauí ou imagem da turma. O símbolo do Colégio Comercial figura em todos os quadros.

Os quadros trazem a memória de um grupo revelada nas imagens apresentadas. Apontamos que são como um monumento, conforme Le Goff (2003), porque lembram o passado e o perpetuam, ainda descortinam um tempo, revelam os atores sociais de uma época, tanto da escola como da própria cidade.



<sup>1</sup> Optamos pela nomenclatura “quadros de formatura”, uma vez que, dos sete objetos analisados, cinco estão na forma de quadros com moldura e dois esculpido em madeira, ou seja, a maioria dos registros de formatura está no formato de quadro.

## REFERÊNCIAS

A CATEQUISTA. O que anda na cabeça do Clero? Entenda os chapéus católicos.

**O Catequista**, 25 ago. 2015. Disponível em:

<https://www.ocatequista.com.br/index.php/catequese-sem-sono/item/15971-o-que-anda-na-cabeca-do-clero-entenda-os-chapeus-catolicos>. Acesso em: 4 jan. 2023.

ALBANO, O. **Professor José Vidal de Freitas**. Picos: Museu Ozildo Albano, 1987. Mimeografado.

BENITO, A. E. Etnohistória e cultura material da escola: a educação nas exposições universais. In: SILVA, V. L. G.; SOUZA, G.; CASTRO, C. A. **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. p. 93-118.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 7-37.

CASA DE RUI BARBOSA. **Águia de Haia**. 2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/rui-barbosa/aguia-de-haia#:~:text=Rui%20Barbosa%20recebeu%20o%20cognome,Américo%20Jacobina%20Lacombe>. Acesso em: 3 jan. 2023.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COELHO JÚNIOR, N. M. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura.

**Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p.122-151, jan./abr. 2015. Disponível em:

[https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015122/pdf\\_54](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015122/pdf_54). Acesso em: 2 dez. 2022.

FALECE Dom Rufino do Rêgo, Bispo Emérito de Parnaíba. **CNBB / Regional Nordeste 4**.

Notícias do Regional. 12 ago. 2013. Disponível em: <https://cnbbne4.org.br/falece-dom-rufino-do-rego-bispo-emerito-de-parnaiba/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.**



LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, S. M. A. Molduras para fragmentos da história do século XX: quadros de formaturas e memórias escolares de colégios católicos brasileiros no século XX. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1439-1454, 2021. Número Especial. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6198/619869093005/html/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

SOUSA, H. C. M. de S. **Um ginásio para a mocidade picoense: cultura escolar de uma instituição de Ensino Secundário (1950-1971)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Jane/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_HIGO%20CARLOS%20MENESES%20DE%20SOUSA%2016-01-2020%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Jane/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O_HIGO%20CARLOS%20MENESES%20DE%20SOUSA%2016-01-2020%20(1).pdf) Acesso em: 28 de nov. 2022.

WERLE, F. O. C. Ancorando quadros de formatura na história institucional. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2005, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2005. p. 1-16. Disponível em: [https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int\\_ok.pdf](https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int_ok.pdf). Acesso em: 15 jul. 2022.

#### SOBRE A AUTORIA:

\* Mestre em Educação/UFPI – Seduc/PI – <https://orcid.org/0009-0000-8599-5905> – [luzifrank26@gmail.com](mailto:luzifrank26@gmail.com)

\*\* Doutora em Educação/UFU – UFPI/PPGED – <https://orcid.org/0000-0002-5356-899X> – [jane\\_bezerrasousa@yahoo.com.br](mailto:jane_bezerrasousa@yahoo.com.br)

---

Submetido em: junho de 2023.  
Aprovado em: setembro de 2023  
Publicado em: janeiro de 2024.

---